

O PENSAR
FILOSÓFICO,
A CULTURA E
A FORMAÇÃO
HUMANA

*Homenagem a
Ildeu Moreira Coêlho*

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP
Prof. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp
Prof. Dr. Elton Luiz Nardi – Unoesc
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC
Prof. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp
Prof. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Uniplac/Unicamp
Prof. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas
Prof. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp
Prof. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS
Prof. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS
Prof. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR
Prof. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Prof. Dra. María del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de La Educación/Granada
Prof. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho
Prof. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján
Prof. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata
Prof. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Sílvio Gallo
Adão José Peixoto
Rita Márcia Magalhães Furtado
Simone Corbiniano
(organizadores)

O PENSAR
FILOSÓFICO,
A CULTURA E
A FORMAÇÃO
HUMANA

*Homenagem a
Ildeu Moreira Coêlho*

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Pensar filosófico, a cultura e a formação humana : homenagem a Ildeu Moreira Coêlho / (organizadores) Sílvio Gallo ...[et al.]. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2020.

Outros organizadores: Adão José Peixoto, Rita Márcia Magalhães Furtado, Simone Corbiniano.

Bibliografia.

ISBN 978-65-86089-01-1

1. Coêlho, Ildeu Moreira, (1945-) 2. Cultura – Filosofia
3. Educação – Filosofia 4. Formação humana 5. Pedagogia
6. Professores – Formação I. Gallo, Sílvio. II. Peixoto, Adão José. III. Furtado, Rita Márcia Magalhães. IV. Corbiniano, Simone.

20-34239

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Pensamento filosófico : Cultura :
Formação humana : Educação 370.71

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final dos autores
bibliotecária: Cibele Maria Dias – CRB-8/9427

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-lettras.com.br

livros@mercado-de-lettras.com.br

1ª edição

2 0 2 0

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	
FORMAÇÃO HUMANA. DE QUE HUMANOS?	9
<i>Miguel G. Arroyo</i>	
APRESENTAÇÃO	31
REFLEXÕES SOBRE CULTURA E DEMOCRACIA	35
<i>Marilena Chauí</i>	
A EDUCAÇÃO EM BUSCA DA VIDA EXCELENTE NA <i>PÓLIS</i> : O COMPROMISSO ATUANTE DO PENSAMENTO DE ILDEU MOREIRA COELHO	63
<i>Antonio Joaquim Severino</i>	
<i>PAIDEÍA</i> FILOSÓFICA, FORMAÇÃO INTELECTUAL E VERDADE: EM QUESTÃO A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA REALIZADA NA ÓTICA DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA	93
<i>Marcos Aurélio Fernandes</i>	
PROFESSOR ILDEU: O FILÓSOFO, O EDUCADOR	145
<i>Joel Pimentel de Ulhôa</i>	
O SENTIDO DA FORMAÇÃO E AS EXIGÊNCIAS DA SOCIEDADE DA MERCADORIA	161
<i>Ged Guimarães</i>	

UNIVERSIDADE E FORMAÇÃO.	179
<i>José Ternes</i>	
DIVISÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO, ALIENAÇÃO E RESISTÊNCIA	191
<i>Adão José Peixoto</i>	
SARTRE: DA CONSCIÊNCIA CONTEÚDO À CONSCIÊNCIA INTENCIONAL	217
<i>Evandson Paiva Ferreira</i>	
ESTUDAR E ENSINAR HUMANIDADES: POR QUE AMEAÇAMOS TANTO?	243
<i>Anita C. Azevedo Resende</i>	
A ATUALIDADE E AS BASES GRAMSCIANAS DE A <i>QUESTÃO POLÍTICA DO</i> <i>TRABALHO PEDAGÓGICO</i>	257
<i>Renê José Trentin Silveira</i>	
SOBRE A FORMAÇÃO E O FORMAR: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS À <i>UNIVERSIDADE</i>	309
<i>Rita Márcia Magalhães Furtado</i> <i>Sílvio Gallo</i>	
VALORES DA FORMAÇÃO, DO SABER E DO MESTRE	325
<i>Simone Corbiniano</i>	
PENSANDO O SENTIDO DO SABER, FORMAÇÃO, DOCÊNCIA, UNIVERSIDADE E DA ESCOLA COM/UM EDUCADOR BRASILEIRO AOS SEUS 53 ANOS DE MAGISTÉRIO	347
<i>Damião Rocha</i>	
CULTURA E FORMAÇÃO HUMANA EM PLATÃO	373
<i>Silvana Bollis</i>	
A UNIVERSIDADE COMO ESPAÇO PEDAGÓGICO	405
<i>Terezinha Azerêdo Rios</i>	

UM DIÁLOGO IMPREVISTO: CRISTÃOS E MARXISTAS NO BRASIL DOS ANOS SESSENTA AO REDOR DA IDEIA DE CULTURA.	429
<i>Carlos Rodrigues Brandão</i>	
CONSIDERAÇÕES SOBRE O SENTIDO DE AUTÁRKEIA (αὐτάρκεια) NA CONSTITUIÇÃO DO ÉTHOS (ἔθος) ARISTOTÉLICO	469
<i>Liliane Barros de Almeida Cardoso</i>	
PROFESSOR ILDEU: FILÓSOFO DA EDUCAÇÃO	485
<i>Maria Aparecida Viggiani Bicudo</i>	
MUDANÇAS NA CONCEPÇÃO DE CONHECIMENTO E NA NOÇÃO DE FORMAÇÃO OCORRIDAS NA VIRADA DO SÉCULO XVIII PARA O XIX.	505
<i>Humberto de Assis Clímaco</i>	
PENSANDO A EDUCAÇÃO COM LÉVINAS	535
<i>Flávio Alves Barbosa</i>	
UMA IDEIA FORTE: EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO E CULTURA NÃO SE DISSOCIAM.	539
<i>Marcos Antônio Lorieri</i>	
OS DILEMAS E DESAFIOS DE UMA PROFESSORA DE MATEMÁTICA SOB A INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA, NA PESSOA DO PROFESSOR ILDEU.	571
<i>Maria Bethânia Sardeiro dos Santos</i>	
<i>Apêndice</i>	
DISCURSO DA CERIMÔNIA DE ENTREGA DE TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO AO PROFESSOR ILDEU MOREIRA COÊLHO.	591
<i>Lueli Nogueira Duarte e Silva</i>	
OUTORGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO AO ILUSTRÍSSIMO EDUCADOR ILDEU MOREIRA COÊLHO . . .	597
<i>Pedro Adalberto Gomes de Oliveira Neto</i>	
SOBRE OS AUTORES.	605

Prefácio

FORMAÇÃO HUMANA. DE QUE HUMANOS?

Miguel G. Arroyo

Celebrar os 53 anos da produção de Ildeu Moreira é celebrar, repensar o pensar filosófico, político, pedagógico na cultura e na formação humana. A riqueza da diversidade de análises retoma as tensas interrogações que vieram do poder, das políticas, mas, sobretudo, retoma as interrogações políticas mais radicais que vieram dos oprimidos ao pensar filosófico-pedagógico, ético, político na cultura e na formação humana.

Quando nos atrevemos a indagar o pensar filosófico na cultura, na política e na formação humana, somos exigidos a perguntar-nos: formação humana de que humanos? De que paradigma de humano na política e no pensar a formação humana? Como aproximarmos do pensar filosófico na Cultura e na Formação Humana em tempos de uma cultura social, política, jurídica de abate, extermínio de vidas humanas? Em tempos em que a política, o poder atacam as ciências humanas, a filosofia, a pedagogia, como aproximar-nos do pensar filosófico, pedagógico, da cultura, da formação humana? Em tempos em que

vidas de militantes, jovens, adultos, crianças, são ameaçadas, que radicalidades adquire o pensar filosófico-pedagógico na cultura e na formação humana? Formação humana de que humanos?

A política, o pensar filosófico-pedagógico inseparáveis?

Essa poderia ser a primeira indagação persistente na diversidade dos textos-análises. Ildeu Moreira nos tem lembrado que toda relação hegemônica é necessariamente uma relação pedagógica. Tempos de um Estado de exceção e de uma justiça justiceira que se pretendem pedagógicas, até atacando a educação.

Esses ataques não estão a nos dizer, a nos lembrar que a Política, o pensar filosófico e pedagógico têm sido e continuam inseparáveis na história, na nossa história? Não estão a nos exigir aproximar-nos com radicalidade política dessas relações entre o poder, a política, o pensar filosófico-pedagógico, a cultura e a formação humana? Aproximar-nos reconhecendo sua persistente e estreita articulação com a Política, o Político, o Poder, vistos como a participação-negação da participação na *Pólis*, na vida em comum tão marcante desde a Paideia das articulações entre pensar filosófico, pedagógico e político.

Celebrar nestes textos 53 anos do pensar filosófico na cultura e na formação humana do Professor Ildeu Moreira Coêlho e de nosso pensar filosófico-político-pedagógico exige um repensar a filosofia, a pedagogia, a formação humana, a cultura nas tensões no projeto político da vida na nossa *Pólis*, mas também nos conflitos, tensões, arbítrios do poder. Vê-los como tentativas de impor valores, saberes, culturas de subalternização, de dominação. Vê-los como pedagógicos. É pensar essas

relações entre filosofia, pedagogia, política nos pacotes da justiça justiceira que decreta até crianças a Vidas Ameaçadas (Arroyo, 2019a), logo elimináveis do convívio social da *Pólis*, decretados in-humanos, in-educáveis, in-humanizáveis (Arroyo 2015). Que pensar filosófico na cultura e na formação humana radicalizar nos tempos de política, cultura legitimadora de não formação humana, mas de extermínios de vidas humanas?

A leitura das análises sobre os 53 anos do pensar filosófico e pedagógico tão marcado pelas relações políticas acentua que com Ildeu Moreira Coêlho temos sido testemunhas de um pensar a cultura e a formação humana nas tensões de nossa realidade social, política, cultural, educacional, humana e in-humana. As possibilidades e os limites, as tensões no pensar, fazer a educação escolar são transpassadas por essas tensões políticas, culturais.

Ildeu Moreira nos lembra que o Político constitui o próprio ser do educativo enquanto ato humano. Desde a Paideia, o Político – o bem comum da *Pólis*, a formação ética, política para o convívio humano tem sido constituinte do próprio ser do educativo. Mas a Política, o poder se apropria do Político e o redefine. A reflexão filosófica, pedagógica vai se divorciando do Político.

Quando a Política se divorcia, se apropria do Político, redefine o pensar filosófico, pedagógico; não há mais a Política como a busca do bem comum e a participação de todos nessa busca do convívio, comum na *Pólis*. Temos então que pensar, não tanto esse Político, mas a Política, os interesses do Poder sobre o viver, o sobreviver na Ordem e no Progresso da República. As análises revelam essa tensão no pensar filosófico-pedagógico: ser fiel ao Político, tendo que se debater com a Política, o Poder na educação dos membros da *Pólis*. Da República.

Que formação humana de que humanos?

No primeiro texto, “Reflexões sobre Cultura e Democracia”, Marilena Chauí nos convoca a politizar a Cultura não como um conceito generoso, abrangente expressão da comunidade mundial proposta pela Filosofia e pela Antropologia, mas a cultura na Política em uma sociedade de classes, que institui a divisão cultural – cultura dominada e cultura dominante, cultura opressora e cultura oprimida, cultura de elite e cultura popular... Cultura popular decretada como resíduo da ignorância a ser corrigido pela educação do povo, pela ação pedagógica, política benevolente do Estado... Discurso social cindido, manifestando a divisão de classes... (pp. 6-7).

Síntese das tensões vividas nos 53 anos comemorados, pautando outro pensar filosófico, político, pedagógico da cultura e da formação humana, tais tensões são explicitadas na diversidade de textos-análises. A divisão da cultura destacada por Marilena Chauí perpassa todas as dimensões, concepções de humanos e inumanos, de formação humana, de educação. Perpassa as tensões nas concepções, nos humanismos pedagógicos na empreitada colonizadora, imperial, republicana e democrática.

As contraposições entre culturas que Marilena nos lembra na Política podem ser encontradas nas contraposições entre humanos e inumanos, que instituem as relações de colonizadores, colonizados, dominantes, dominados, que instituem as relações de classe em nossa história. Celebrar o pensar filosófico-pedagógico na formação humana como na cultura nos coloca a questão persistente em todos os humanismos pedagógicos, filosóficos, culturais: formação humana de que humanos? Que entendimentos do Humano? Desde a Paideia o entendimento do Humano nasce segregador: Os homens livres na *Pólis* síntese do entendimento do humano a ser formado. Os escravos, os destinados a trabalhos servis, síntese do não humano.

A articulação entre poder, política, pensar filosófico-pedagógico como formação humana em nossa história é inseparável do entendimento do Humano. É inseparável do decretar iniciante dos povos originários com deficiência de humanidade, logo incapazes de sua formação humana porque não educáveis, não humanizáveis, porque não reconhecidos humanos. Uma articulação tensa entre poder, *Pólis*, política, pensar filosófico e pedagógico que vem desde a Paideia: educar a alma, o espírito nos homens livres, membros da *Pólis* para esculpir a humanidade. Mas em que entendimento do Humano de que humanos reconhecidos membros da *Pólis* a educar sua alma e seu espírito? Uma interrogação que tensiona toda a história de todos os humanismos filosóficos, políticos, pedagógicos. Tensiona de maneira radical o humanismo Colonial que persiste na educação republicana e até democrática.

Estamos em tempos que essas tensões são assumidas como política de Estado: decretar os Outros como inumanos. Tempos em que os decretados inumanos, in-educáveis, in-humanizáveis têm cor, têm etnia, têm raça, têm gênero, têm opção sexual, têm classe, que indagações para as históricas articulações entre política, pensar filosófico e pedagógico? Que tensões na cultura entre valores humanos e contravalores inumanos? Que embates na ética, na afirmação-negação política da ética? (Zizek 2005).

Formação humana, mas de que vidas humanas?

Nos 53 anos celebrados essas tensões não perpassaram a política, a cultura, o pensar filosófico, a formação humana? De que humanos? Persiste um entendimento segregador, abissal de Humano? A negação tão brutal atual e em nossa história da ética na política da vida, de que vidas merecem ser vividas e que

vidas exigem ser exterminadas, que exigências velhas e novas da política, do pensamento filosófico e pedagógico? Que vidas reconhecidas como humanas e que vidas decretadas inumanas?

Celebrar 53 anos nos obriga a perguntar-nos que exigências, respostas éticas para a filosofia e para a pedagogia traz a perda do valor da vida, a política de abate, de morte de todo suspeito, que elimina até crianças nas ruas, nos morros, nas escolas? Que proteção da vida humana esperar de um Estado de Exceção que se legitima nessa negação política da ética da proteção e se afirma na política antiética da criminalização e da ameaça de extermínio de vidas porque decretadas não vivíveis, porque não vidas humanas?

As diversas análises destacam que o pensar filosófico e pedagógico se legitimou na cultura política do valor da vida e da *Pólis*, do Político como espaço protetor de vidas, quando essa cultura política e essa função da *Pólis*, da República, do Estado deixa a função de proteção e assume como política abater, exterminar vidas, o pensar filosófico e pedagógico, a cultura política, o pensar os direitos humanos, a formação humana são obrigados a radicais redefinições.

Estamos em tempos em que a cultura política do medo tenta legitimar extermínios das vidas dos decretados deficientes em humanidade, ameaçadores das vidas de bem, de ordem e progresso que merecem ser protegidas. Tempos de um Drama Ético-político-pedagógico patrocinado pelo poder a exigir aprofundar a urgência de retomar a estreita articulação entre política, cultura, pensar filosófico e pedagógico. Quando a irracionalidade na política, quando o drama ético invade o convívio na *Pólis*, o pensar filosófico e pedagógico sobre o humano, sobre a formação humana e sobre a vida na *Pólis* são obrigados a radicalizar-se. Quando a irracionalidade invade a política, a cultura, o poder e até a justiça, o pensar filosófico e

pedagógico são obrigados a ser Outros. Obrigados a se deixar interrogar por esse Drama Social, político, ético. Humano.

A razão, o pensar filosófico, a política e a pedagogia nos têm dito desde a Paideia que o pensar racional é constituinte do convívio político, da construção do bem comum, da ordem, do convívio na *Pólis*, na República. Mas nossos mais de 500 anos de história colonizadora e nos tempos atuais nos lembram que esses elogios da racionalidade política e pedagógica não foram uma constante na história nem da *Pólis*, nem republicana, nem dita democrática. Como nos lembra Walter Benjamin, para os oprimidos o estado de exceção na história foi regra. Todo documento de cultura foi acompanhado de documentos de barbárie. Essas irracionalidades da razão, da cultura, do pensar filosófico racional, da pedagogia, da formação-deformação humana, da política tem merecido a centralidade tida em nossa história e no presente? Os textos-análises nos mostram mais de 53 anos de tentativas de pensar, entender essas tensões políticas na formação humana e na cultura.

*Repensar as crenças no poder igualitário
da política, do pensar filosófico-pedagógico?*

A empreitada das análises de trazer a riqueza de crenças, esperanças no poder igualitário da política, da pedagogia termina colocando uma interrogação para o pensar filosófico, político, pedagógico: que esperanças igualitárias pela educação a celebrar? Esse pensar nasce igualitário ou traz as marcas da divisão de classes da razão dominante, como nos lembra Marilena Chauí?

Ao celebrar 53 anos somos obrigados a reconhecer que na história e de maneira dramática em nossa história, a razão, o pensar pedagógico e filosófico, a cultura política não têm dado

a garantia esperada de uma afirmação política da ética. Nem a cultura, nem a razão, o pensamento filosófico e pedagógico conseguiram moldar a ordem igualitária prometida na *Pólis*, na República e na democracia. As crenças no poder civilizatório do político do pensamento filosófico e pedagógico não conseguiram moralizar as relações de poder, os poderes segregadores dos direitos humanos mais básicos, mais humanos: direito à terra, teto, saúde, educação. Vida humana, justa. A diversidade de movimentos sociais em lutas por esses direitos mostra que lhes foram e continuam negados.

Limites expostos e assumidos como política em tempos de Estado de Exceção, de justiça justiceira, de abate de vidas até de crianças, a lembrar ao pensar filosófico na cultura, na pedagogia, na formação humana que, para os oprimidos, a exceção continua sendo regra, apesar dos esforços da filosofia, da pedagogia em articular a construção da *Pólis*, da República, da democracia com a educação para uma *Pólis* comum de convivências dos diferentes através da democratização do acesso à educação, e até de qualidade. Tempos de lembrar-nos que essas articulações entre o pensar filosófico e pedagógico e a construção da *Pólis*-República, cidade, sociedade comum, igualitária estiveram sempre transpassados pela dominação de classe, etnia, raça, gênero e continuam tensas a exigir maior realismo político no pensar filosófico e pedagógico.

Estamos em tempos em que a política assume que essas tensões têm sido e devem ser regra na cultura, na gestão da *Pólis*. Tempos em que sonhos de um convívio igualitário pelo pensar filosófico e pelo fazer pedagógico se desvanecem? Indagações radicais que estes textos suscitam, repõem ao pensar filosófico e pedagógico. À construção da *Pólis*. Como repensar a histórica relação entre o político, filosofia, pedagogia no sonho, na empreitada de construir uma sociedade mais igualitária em tempos em que a irracionalidade comanda a política? Como

pensar a formação humana em tempos da política, a justiça decretar a vida humana um valor exterminável?

Quando a política se define como o governo de criminalizar os Outros, manter o estado de medo como cultura para legitimar o ameaçar e exterminar vidas, que exigências, que respostas éticas esperar do pensar filosófico-pedagógico e da cultura? Que exigências para a filosofia, a pedagogia em tempos em que as relações de classe, etnia, raça e gênero não são apenas de conflitos, mas de extermínios? (Arroyo 2019a). Essas exigências não acompanham a diversidade de humanismos pedagógicos? Que protótipo de humano formar e pensar?

Os outros desconstroem o protótipo de humano único, racional, pensante, ético, político?

Essa uma das questões nucleares que o conjunto dos textos destaca. Desde a Paideia os humanismos pedagógicos se legitimam em um paradigma de humano racional, ético, político. Pensar e formar o humano dotado de argumentos, saberes, razões para perceber, discutir, praticar os valores do convívio político na busca do bem comum na *Pólis*. A função do pensar filosófico e pedagógico seria formar esse protótipo de humano, racional pensante, ético, político. Não tem sido essa a função esperada do pensamento filosófico e pedagógico?

Mas que humanos são reconhecíveis como humanos a formar e reconhecer nesse protótipo de humano único? Boaventura de Sousa Santos (2013) nos lembra que esse protótipo de humano, pensante, racional, ético tem sido abissal e sacrificial, porque coloca do lado de cá do humano, da razão, da ética o Nós e coloca do lado lá os Outros decretados como irracionais, imorais... Inumanos ou o Outro do humano único. Uma pergunta

obrigatória: esse caráter abissal, sacrificial não tem contaminado a política, as políticas educativas, o pensamento filosófico e pedagógico? A nossa história política e pedagógica se debate em reconhecer o Nós como humanos educáveis, moralizáveis, humanizáveis e decretar os Outros com deficiência originária de humanidade, racionalidade. Não só que não se atrevem a pensar, mas são incapazes de um pensar, um agir humano. Incapazes de pensamento para abordar as questões éticas essenciais do sentido da vida em sociedade. Na *Pólis*, na política. Logo os Outros não objeto do pensar filosófico, do pensar-agir pedagógico, mas pensados, atolados no estado de natureza, inumanidade, à margem do político e do pensar filosófico e pedagógico.

Quando esses Outros decretados com deficiência de humanidade resistem por libertação desse paradigma e se afirmam humanos obrigam essas concepções, esse pensar filosófico e pedagógico a redefinir-se. Tensões postas ao pensar filosófico e pedagógico desde a empreitada educadora, colonizadora e republicana pelos povos originários e escravizados, resistentes a ser decretados com deficiência de humanidade. Resistentes aos culturicídios da empreitada colonizadora-educadora. Tensões repostas nestas últimas décadas pelos movimentos sociais em suas políticas afirmativas de resistências humanizadoras. Uma pergunta obrigatória ao comemorar 53 anos: que mudanças no pensar filosófico e pedagógico foram esperadas, exigidas pelos Outros em seus movimentos afirmativos de outro paradigma de humano? Dos decretados irracionais, imorais, pré-humanos, pré-cidadãos, pré-políticos têm vindo as interrogações mais radicais para a política e para o pensar filosófico e pedagógico.

Essas interrogações merecem ser pensadas? Nem pensadas pela cultura política, pelo pensamento filosófico e pelos humanismos pedagógicos? Na Paideia não foram nem pensados membros da *Pólis* porque não humanos livres, mas escravos, em trabalhos manuais servis. Uma polarização constante na

maioria dos humanismos pedagógicos, com destaque no nosso humanismo colonial e até republicano e democrático, que decretam os Outros apenas destinatários de políticas inclusivas para minorar suas carências de racionalidade, moralidade, humanidade.

*Dos decretados com deficiência de humanidade
vem um Outro paradigma de humano*

Os textos em sua riqueza expõem a construção histórica do paradigma de humano único tão marcante no pensar filosófico-político-pedagógico. Tendo como referente esse paradigma de humano único hegemônico se consolidou o pensar filosófico, político, pedagógico de cultura e de formação humana. De educação corretora da incultura, da ignorância, irracionalidade, imoralidade do povo. O pensamento pedagógico é obrigado a escutar os apelos que chegam das tensões políticas, sociais, sofridas pelos Outros. Obrigados a escutar os apelos por justiça, as lutas por direitos humanos à educação, saúde, trabalho, renda, teto, terra, vida.

Desses Outros vêm em nossa história e com radicalidade no presente os apelos para uma Outra articulação entre política e pensamento filosófico e pedagógico. Até onde esses pensamentos têm ouvido os apelos históricos que vêm de longe em nossa história? O pensamento filosófico e pedagógico tem se fechado em um diálogo crítico com o próprio pensamento e os pensadores? As Artes nos convidam a ouvir as vítimas das opressões, de padrões de poder, de pensar os Outros como deficientes em humanidade. As Artes têm ouvido os lamentos tristes das vítimas a exigir respostas. Que o pensamento filosófico e pedagógico, a política ouçam com as Artes: “Ninguém ouviu um soluçar de dor. No canto do Brasil um lamento triste sempre ecoou desde

que o índio guerreiro foi pro cativo e de lá cantou. Negro entoou um canto de revolta pelos ares no Quilombo de Palmares onde se refugiou... Todo o povo dessa terra quando pode cantar canta de dor. É canto de trabalhador... que devia ser um canto de alegria soa apenas como um soluçar de dor” (Canto das Três Raças – Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro). Com Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, tantas Marias, Marias: “uma gente que ri quando deve chorar e não vive, apenas aguenta. Possui a estranha mania de ter fé na vida”.

Das mães e dos Outros educandos que chegam às escolas públicas, à EJA, às universidades por cotas sociais, raciais ou que chegam aos cursos de Pedagogia da Terra, Indígenas, Quilombolas, Ribeirinhos, das Florestas, das trabalhadoras, trabalhadores chegam lamentos tristes, interrogações radicais à política, ao pensamento filosófico e pedagógico a exigir serem ouvidas, pensadas. A exigir repensar-se como pensamento filosófico, político, ético, pedagógico.

Dos oprimidos vêm ao longo de nossa história política e cultural gritos de lamentos de dor, de resistências, se sabem oprimidos e esperam, exigem que seus gritos de dor, suas resistências sejam centrais no pensar filosófico e pedagógico, na cultura e na formação humana que padecem e nas resistências em que se afirmam humanos. Nem os povos originários, nem africanos escravizados se reconheceram deficientes em humanidade, escravizáveis, extermináveis. Resistiram afirmando sua humanidade. Dos oprimidos em que se afirmam em movimentos sociais na política, nos processos de humanização vêm exigências culturais, éticas, políticas ao pensamento filosófico e pedagógico de análises críticas, éticas ou antiéticas do persistente negar-lhes a condição de sujeitos da *Pólis*, da República. Exigem um pensamento que denuncie o decretá-los com carência de humanidade, logo não pensados capazes de cultura, humanidade, razão, ética, formação humana. Exigem desconstruir pensares que os pensam o Outro do humano único na superstição e na ignorância, à espera de ser

incluídos na humanidade pela educação. Pela formação humana de que carecem. Exigências históricas radicais para nossa cultura política, para o pensar filosófico e pedagógico. Que avanços tidos nos últimos 53 anos? É a pergunta que nos traz o conjunto destes textos e que merecem centralidade no pensar de Ildeu Moreira.

Pergunta radical que perpassa o pensar filosófico-político-pedagógico não apenas nestes 53 anos, mas nos 500 anos e mais de nossa história: como foram e continuam decretados os Outros com deficiência originária de humanidade, em estado de natureza, não de humanidade, logo não educáveis, não humanizáveis (Arroyo 2015). Como esse paradigma de Nós humanos e os Outros in-humanos tem sido construído e como tem marcado o nosso pensar filosófico-político-pedagógico? Uma história de uma construção a exigir ser desconstruída, ouvindo das vítimas, dos injustiçados por este paradigma de humano, ouvindo as resistências e críticas radicais políticas, pedagógicas a esse decretá-los deficientes em humanidade. Mas ir além: reconhecê-los sujeitos de Pedagogias de processos de humanização, de formação humana. Reconhecê-los sujeitos de Outro paradigma de humano, logo de outro pensar político, filosófico, pedagógico.

Que Outro paradigma de humano os Outros afirmam?

As reações mais radicais a esse paradigma vieram já desde a empreitada colonizadora a essa segregação como humanos: vieram dos próprios coletivos segregados, resistentes, afirmando Outro paradigma de humano a exigir Outro humanismo político, filosófico, pedagógico. Ao resistir e afirmar-se humanos, pensantes com outro pensar filosófico, político, pedagógico, com Outros saberes, valores, culturas, identidades, sujeitos de Outras pedagogias, matrizes de formação humana, nessa longa história política vem questionando os hegemônicos processos

do pensar filosófico, político, ético, pedagógico de formação humana, que iniciaram na Colônia e prosseguiram na República. Também desde a empreitada catequética-educadora que os decretou o Outro do humano único. Os Outros resistiram e questionam o protótipo único, hegemônico de humano que os decretou in-humanos e que legitimou o pensar filosófico, político e pedagógico como o legítimo pensar. Dos Outros em nossa história tem vindo a exigência de ultrapassar o paradigma de formação humana, do humano único, logo ultrapassar as tradicionais articulações entre cultura política, pensar filosófico e pedagógico e formação humana. Até onde essas históricas tensões no humanismo pedagógico têm merecido a centralidade devida?

Dos movimentos sociais étnicos, raciais, de gênero, classe vêm radicalizações novas a ultrapassar as tentativas de reduzi-las a tensões de pré-rationais, pré-cidadãos, pré-humanos. Ao afirmarem-se humanos afirmam Outras matrizes de formação humana. Matrizes de radicalidades políticas que os poderes têm ocultado e até reprimido? O Estado, as elites deixam explícito que os decretados sub-humanos, extermináveis são os militantes em lutas por terra, teto, trabalho, renda. Vida. Extermináveis porque estão a afirmar as resistências, as lutas por terra, teto, trabalho, vida como matrizes de sua formação humana, política, ética.

O pensar filosófico, político, pedagógico é levado a ir muito além de pensar os oprimidos como diferentes em capacidades de atrever-se em pensar racionalmente e agir moralmente. As diversas opressões de classe, etnia, raça, gênero se mostraram mais radicais no decretar o Nós “humanos direitos” sujeitos de direitos humanos e os Outros, trabalhadores, negros, indígenas, quilombolas, mulheres como sem direito a ter direitos humanos. São os Outros em etnia, raça, gênero, classe a exigir ser reconhecidos humanos, afirmando as identidades coletivas de

gênero, raça, etnia, classe como matriz de formação humana. De Outro rosto de humanidade. De Outro entendimento do Humano. De outra formação humana.

Que Outro pensar filosófico, político, pedagógico vem das resistências à opressão de etnia, gênero, raça, classe? Que Outra articulação entre essas tensões de etnia, raça, gênero, classe como tensões políticas a rearticular o pensar filosófico político, ético, pedagógico? A exigir alargar o reconhecimento das matrizes da formação humana. Celebrar 53 anos do pensar filosófico-político sobre formação humana exige não tanto olhar para os avanços teóricos no nosso pensar, exige ir aos Outros e deixar-nos interrogar pelas radicalidades que afirmam. Exige reconhecer que temos tido como ideal do protótipo de humano a formar aquele que se atreve a saber, a pensar para um agir moral na *Pólis*. Os Outros vêm mostrando atrever-se a resistir o que revela um atrever-se a pensar-se oprimidos, atrever-se a libertar-se da opressão o que revela Outros saber-se, atrever-se bem mais radicais de maior radicalidade política, filosófica e pedagógica do que aprender a pensar nos bancos das escolas e universidades.

Se o pensar filosófico, pedagógico assumiram como formação humana que se atrevam a pensar, o atrever-se a pensar que os Outros em movimentos sociais de resistências têm revelado em nossa história é a forma, a matriz mais radical de sua formação humana. Os indígenas, os escravizados desde a Colônia, no Império revelaram radicalidades extremas no próprio humanismo colonial e ilustrado, atrevendo-se a resistir à expropriação de suas terras, culturas, saberes, valores, identidades.

Os povos escravizados revelaram esse saber-se, esses valores humanos radicais de liberdade, identidades, culturas ao lutar por suas terras, quilombos. Os coletivos atuais em movimentos por terra, território, teto, trabalho, identidade étnica, racial, de gênero, orientação sexual revelam saberes, valores de

humanidade, de formação humana a interrogar o tema central dos textos e análises: o pensar filosófico-político-pedagógico da cultura e da formação humana.

Uma constatação eloquente: por que o Estado, as elites, a justiça justiceira atacam esses coletivos em movimentos? Por que decretar seus militantes terroristas inimigos da Pátria, da *Pólis* e de Deus? Por que decretaram suas vidas ameaçadas, extermináveis? Porque o poder, o Estado percebem a radicalidade política, pedagógica desses processos Outros de saber-se, de atrever-se a pensar para um agir político radical por libertação, emancipação. Do pensar filosófico-pedagógico se exige desde outra opção política reconhecer a radicalidade formadora dessas resistências dos oprimidos.

As lutas por Justiça, matriz de Formação Humana

Uma pergunta perpassa a diversidade de análises, uma pergunta persistente em tantas resistências por direitos e pelo direito à educação nestes 53 anos. O que aprender dos movimentos sociais em suas lutas pelo direito à educação? Há uma constante: suas lutas por creches, escolas, por educação nas periferias, nos campos sempre articuladas por lutas pelos direitos humanos mais radicais: por terra, território, teto, trabalho, saúde, renda. Por justiça. Resistir às injustiças que padecem.

Uma das motivações mais expostas nas ações coletivas pelos movimentos sociais é lutar por Justiça. Se sabem os injustiçados da história, desde a Colonização até os tempos de Estado democrático de direitos. Justiça, exigem os coletivos indígenas e quilombolas em lutas pela demarcação de suas terras. Justiça, exigem as mulheres pobres, trabalhadoras, negras, “Órfãs” dos filhos que o Estado levou. Justiça é o grito

das comunidades periféricas diante de centenas de exterminados, até crianças nas escolas ou indo, voltando das escolas.

Ao pensamento filosófico, político, pedagógico que indagações éticas chegam dessa centralidade posta pelos injustiçados de nossa história, exigindo Justiça? Tem sido familiar à filosofia, à antropologia, pedagogia refletir sobre as injustiças como matriz de desumanização? Lutar por justiça como matriz da humanização de formação humana? Que exigências vêm dessa centralidade da consciência das injustiças e das lutas por justiça para o pensar filosófico, pedagógico. Para a formação humana?

Poderíamos seguir a postura atenta de Eric Hobsbawm em “Tempos Interessantes” (2002). “Observei e ouvi, buscando entender a história de meu próprio tempo... Não nos desarmemos, mesmo em tempos insatisfatórios. A injustiça social ainda precisa ser denunciada e combatida. O mundo não vai melhorar sozinho...”

De quem vem os combates a apoiar, fortalecer contra as injustiças sociais? De que coletivos sociais esperar? Ainda Hobsbawm nos lembra: “É a tomada de consciência política das populações primitivas que tornou o século XX o mais revolucionário da história”. No livro “Outros Sujeitos, Outras Pedagogias” (2012), me pergunto: quem são essas populações que tomaram consciência política a ponto de tornar o século XX e continuar tornando o início do século XXI os mais revolucionários de nossa história?

Em nossas sociedades latino-americanas são os grupos sociais que se fazem presentes em ações afirmativas nos campos, nas florestas, nas cidades, resistindo à segregação, exigindo direitos, inclusive à escola, universidade. São os coletivos sociais, de gênero, etnia, raça, camponeses, quilombolas, trabalhadores empobrecidos que se afirmam sujeitos de direitos. Outros Sujeitos, Outras Pedagogias (p. 9). Que interrogações

vêm desses Outros Sujeitos, de suas Outras Pedagogias das lutas por justiça para a formação humana, para a cultura política, para o pensar filosófico-político-pedagógico? Questões radicais que provocam as leituras destes textos comemorativos de 53 anos de Ildeu Moreira Coêlho e da rica e corajosa produção coletiva.

*Outras epistemologias no pensar
a formação-deformação humana?*

O pensar o humano desde o Sul, desde a experiência Decolonial tem sido um pensar filosófico, sociológico, político e pedagógico marcante nestes 53 anos que os textos se propõem analisar. Os estudos Decoloniais vêm trazendo Outras Epistemologias (Santos, 2010) para pensar a cultura e a formação humana na especificidade da experiência colonizadora e de suas persistências na política, nas relações sociais, nos padrões de poder, de pensar, de ser. Na Colonialidade do Poder (Quijano 2010).

O pensar a política, o poder, as relações de classe, raça, etnia, gênero têm sido marcadas por essa persistente Colonialidade do Poder. O pensar a cultura, as possibilidades e limites de humanização, o decretar os Outros como o Outro do humano único pela raça, pela etnia, pela classe, pelo gênero carregam as marcas desse padrão de poder, de pensar, de ser colonial na história. Não há como entender o pensar filosófico, político, pedagógico, o pensar o humano-in-humano sem reconhecer as marcas profundas, persistentes dessa Colonialidade do poder, do pensar, da desumanização que o pensamento Decolonial vem mostrando como configurante não só das epistemologias do Sul, mas do pensar de todo o sistema mundo. Um pensar Decolonial

a enriquecer o pensar filosófico na cultura e na formação humana que os textos se propõem.

A desumanização dos oprimidos exige centralidade no pensar filosófico-pedagógico

Paulo Freire nos lembra que como oprimidos foram decretados em um viver inumano. O pensar filosófico-pedagógico centra sua reflexão nos processos de humanização, deixando à margem os processos históricos de desumanização. Os oprimidos lembram que a desumanização existe na história e exige ser objeto tão central quanto a humanização para o pensar político, filosófico e pedagógico. A desumanização tem sido mais desafiante ao pensar político, filosófico e pedagógico do que a humanização. Talvez pela radicalidade desses desafios os brutais processos de desumanização tenham ficado ocultados e o foco do pensar tenha sido a formação humana. A humanização. Paulo Freire lembra ao pensamento político, filosófico e pedagógico que humanização e desumanização foram e continuam inseparáveis na história. Paulo Freire nestes 53 anos tem radicalizado o pensar pedagógico como Outro Paradigma Pedagógico (Arroyo 2019b).

Estamos em tempos políticos de desumanização como política de Estado a exigir toda a centralidade no pensar filosófico e pedagógico com ainda maior radicalidade do que faz 52 anos da Pedagogia do Oprimido. A opressão-desumanização adquire refinamentos como política de Estado. Uma indagação, política, filosófica e pedagógica: essa radicalidade política da desumanização não está a exigir mais centralidade na cultura política, filosófica, pedagógica? Por que a desumanização tem ficado à margem da política, da filosofia e da pedagogia se

tem sido na história e continua tão brutal na desumanização dos oprimidos? Por que esses alertas de Paulo Freire não foram assumidos com a centralidade que os oprimidos vêm denunciando?

As análises em sua diversidade reconhecem que não faltaram tentativas no pensamento crítico, filosófico e pedagógico. Não faltaram até políticas de salvar os Outros da condição de desumanização, prometendo-lhes inclusão na condição humana pela escolarização se fizerem percursos de aprender a pensar para agir na moralidade cívica da ordem e do progresso. Essas promessas de *inclusão* na condição de reconhecimento de humanos, de cidadãos pela educação, partiam do pressuposto de decretá-los excluídos da condição humana e cidadã: Educação para a cidadania e a formação humana dos decretados à margem da cidadania e da condição humana. Falta um pensar filosófico, político, ético, pedagógico sobre essas promessas de inclusão que pressupõem antiéticos processos de exclusão da cidadania e da humanidade. Faltam críticas radicais ao paradigma político, filosófico, pedagógico de humano-inumano tão persistente desde o humanismo colonial. Até desde a Paideia.

Referências bibliográficas

- ARROYO, Miguel Gonzalez (2012). *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2019a). *Vidas ameaçadas: exigências-respostas éticas da educação e da docência*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2019b). “Paulo Freire: outro paradigma pedagógico?” *Educação em Revista*, vol. 35, Belo Horizonte.

- _____. (2015). “O humano é viável? É educável?” *Revista Pedagógica*, vol. 17, pp. 21-40.
- FREIRE, Paulo (1987). *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HOBBSAWM, Eric (2002). *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- QUIJANO, Anibal (2010). “Colonialidade do poder e classificação social”, in: *SANTOS, B. S. e MENEZES, M. P. (orgs.) Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.
- SANTOS, Boaventura de Sousa e CHAUÍ, Marilena (2013). *Direitos Humanos, Democracia e Desenvolvimento*. São Paulo: Cortez.
- SANTOS, Boaventura de Sousa e MENEZES, Maria Paula (orgs.) (2010). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.
- ZIZEK, Slavoj (2005). *La suspensión política de la ética*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

APRESENTAÇÃO

Esta obra, uma homenagem ao professor Ildeu Moreira Coêlho, reúne textos que discutem a sua produção teórica, seu pensar e seu agir. Os autores procuraram estabelecer um diálogo com as temáticas e os fundamentos presentes na produção filosófica do homenageado, buscando destacar a sua preocupação constante de que a docência e a produção teórica sejam afirmação do cultivo do pensamento, da razão, da crítica, da criação, da transcendência, isto é, a superação da aparência, do utilitarismo, do empírico, do imediatismo, do pragmatismo e de toda ação que se constitui em instrumentos de alienação. É essa também a compreensão do professor Ildeu com relação à universidade que os autores dos textos destacaram, entendida como instituição social, que deve ter por excelência a interrogação, a criação e a recriação dos conceitos, da gênese e do sentido das ideias e da realidade. É por isso que o seu pensamento e sua ação são uma importante referência para a filosofia e a educação no nosso país e igualmente uma referência para os autores que aqui lhe prestam essa reverência.

O trabalho do professor Ildeu na Universidade Federal de Goiás, ao longo dos cinquenta e três anos de docência, tem

sido, indubitavelmente, de envolvimento com a filosofia, com a universidade e com a formação, bem como um incentivo constante para que seus alunos superem a leitura superficial dos textos e da realidade social e exercitem sua autonomia intelectual como afirmação da práxis educativa. Foi justamente essa trajetória de seriedade intelectual, de compromisso político, de atitude ética e de compromisso com a formação intelectual e humana que motivou a organização desta obra, buscando enfatizar a importância do trabalho do professor Ildeu, não somente pela marca de seu humanismo, mas também por sua preocupação com o coletivo e o respeito com o que é público.

Sendo assim, este livro representa um esforço coletivo de presentificação de diferentes percursos formativos que dialogam, de algum modo, com a trajetória do homenageado. Exprime sob várias perspectivas, as impressões dos autores que, em seus estudos, pensamentos, e contextos acadêmicos se sentiram de algum modo provocados pelo trabalho e pelo pensamento de Ildeu. Nesse sentido, o conjunto de textos aqui publicados retratam vinculações teóricas distintas e referências diretas e indiretas à reflexão e à ação do autor homenageado, seja por afinidade com autores por eles trabalhados, seja pelo uso de excertos de sua produção para problematizar determinada temática, ou ainda, pela gratidão pelos saberes dele advindos ao longo do processo formador, tendo nele uma referência.

Ao abordar, por meio de múltiplas vozes, nuances significativas dessa trajetória, procuramos aqui refletir sobre e com sua obra, considerando a relevância do trabalho por ele desenvolvido ao longo de décadas. Vida e ofício se confundem, de certa forma, nesse educador que preza pelo exercício rigoroso e criterioso da leitura dos textos e da busca do sentido e da gênese do pensamento. Ildeu traz para o campo da educação seu olhar filosófico, como aquele que pensa com rigor e radicalidade o que

faz a educação ser o que ela é, e, ao pensá-la, diz como e por que esta resvala no contingente, no operacional, no instituído, e até mesmo para os modismos das práticas pedagógicas.

A tríade conceitual que dá nome a essa obra foi por nós escolhida por entendermos que essa, de certo modo, é a síntese da trajetória acadêmica do homenageado. A preocupação com a busca do sentido e da gênese, à luz da leitura rigorosa e criteriosa dos textos, possuem como referência primeira, o Ser Humano, Ildeu postula no campo educativo a essência do pensamento filosófico. A riqueza de sua obra para a Universidade Federal de Goiás e para a sociedade em geral é, a nosso ver, para além da preocupação com a superação da leitura superficial dos fatos e dos textos, a de buscar uma definição rigorosa dos conceitos, de seus pressupostos e implicações e da articulação desses com as racionalidades historicamente produzidas e com a cultura de modo geral. Nesse sentido, sua influência na formação de várias gerações de educadores e educadoras, imprime a marca do caráter sistemático de sua obra: sua preocupação com a formação no seu sentido mais profundo, evidenciando a riqueza e a potência dos saberes que dele emanam, seu amor à filosofia e a adoção desta como modo de vida.

Sua vida consagrada à formação crítica e ao saber, delinea sua história de filósofo e educador no enlace com a filosofia, a educação, e a universidade, dentre outras realidades que, como ele mesmo afirma, levam ao cultivo do saber. Seu trabalho docente se realiza em permanente *agón* diligente e lúcido contra o domínio do imediato e do instituído na formação das pessoas. Assim, a filosofia se torna mais viva em seus escritos, e a vida acadêmica se torna mais viva com sua presença entre nós. Por ser essa convivência com ele tão rica, reiteramos que é uma alegria e uma honra podermos testemunhar aqui parte da trajetória desse intelectual. A ele, portanto, nossa admiração, nosso agradecimento e nossa reverência.

Agradecemos a todas as pessoas envolvidas na realização dessa obra, pelo apoio e incentivo, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás e à Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação.

Adão José Peixoto
Rita Márcia Magalhães Furtado
Sílvio Gallo
*Simone Corbiniano*¹

1. Agradecemos ao professor Sílvio Gallo, pela ideia original e sugestão da homenagem ao professor Ildeu, em forma de publicação dessa obra, e pela disponibilidade de participar conosco da organização do livro. *Adão, Rita Márcia e Simone*.